

JORNAL: LOCAL: GUA NABARA

DATA: 30/8/1964 AUTOR: MARIO BARATA

TÍTULO:

ASSUNTO: FASE NEGRA: "OUTRA FIGURAÇÃO"?

go, 30 de agosto de 1964

(3.º Caderno) 7



LIPS, 1963. Pintura de P. Foldés, nascido em 1924, em Budapeste. Obra exposta atualmente na Relêvo

De "Patinho Torto" (Coelho Netto) à Nova Figuração (Galeria Relêvo)

Mário Barata

O teatro maior de Coelho Netto parece estar em Quebranto, A Muralha, Neve ao Sol, em que um empenho de protesto vivo e quente — no dizer de Octávio de Faria — ridiculariza e afronta os vícios da burguesia e dos homens de

seu tempo, num jogo teatral bem calculado. Mas peças como O Patinho Torto (ou «O Misericórdio do Sexo», na crisma atual) exibem com delicadeza e graça uma das constantes do escritor, como representante da «felicidade do vício» em suas

características talvez de superfície, mas que existiram concretamente no primeiro quarto do século XX, no Brasil.

Sentiu isso ou pressentiu-o, o diretor Antônio Ghigonetto, ao escolher a pequena comédia de 1917 para a sua homenagem ao autor brasileiro no transcurso do seu primeiro centenário. Mas, a meu modo de ver, fundia-se com a mesma, no «metteur-en-scène», uma intenção de aproveitar a atual voga da «belle époque», interpretando-a em chave satírica, o que prejudicou um tanto a apresentação do texto. Estilizando o espetáculo explorado, como observou Yan Michalski no aspecto 1964 ri de 1917, certas acelerações de ritmo e o tom de voz por vezes demasiado alto (sobretudo no primeiro ato) impedem a homogeneidade texto-direção, que faria da peça uma perfeita «reusite», através do eventual trabalho dos atores. O Patinho Torto não é melodrama nem farsa, que reclamariam a tendência ao ridículo, válida em muitos casos, mas que neste julgo precoce em relação às circunstâncias do ambiente e da cultura brasileiras.

Não sei se Ghigonetto leu Água de Juventude (novela e contos) de Coelho Netto, um dos seus livros mais representativos do espírito belle-époque, na sua felicidade e delicadeza, bem superior como literatura as tentativas de descrição do Petrópolis do tempo dos romances de Afrânio Peixoto.

Malgrado seja o Patinho Torto um «fait-divers» explorado em seus recursos cômicos, sem intenção de profundidade, ainda assim a delicadeza predomina nas soluções do autor e um maior realismo de Ghigonetto obteria mais justos resultados, sobretudo dosado e alternado com achados «modernos» — de herança surrealista ou não, mas bem resolvidos como o da cena muda e o do tango na hora da notícia telefônica ou, de espírito diverso, o dos efeitos de luz na transformação poética, em um diálogo, da explicação do título da peça, dada por Blesi, que com Suelly Franco, Carlos Vereza e Hulda Machado afiguraram-se-me como os atores mais entrosados aos valores da peça:

Sorensen, no cenário e nos figurinos compreendeu a gama delicada da «belle époque» e a resolveu bem nas cores suaves que escolheu e que eram as únicas indicadas para o caso.

Peça de Coelho Netto, bem representativa desse espírito feliz, e AS ESTAÇÕES Prelúdio Romântico, pouco conhecida, que se representou pela primeira vez em 18 de novembro de 1898. Vale a pena lê-la, pelo que nos traz da sua época, tal como o período pode nos trazer a planta

★

Se a belle époque 1900 desapareceu, algo de sua ingenuidade continua nos aspectos ainda provincianos de parte da cultura e da vida brasileira, sobretudo em suas exteriorizações jornalísticas ou de crônica, que julgam ainda hoje ser a importância o fundamental no país. A tal ponto que uma de nossas revistas semanais mais divulgadas opina, neste agosto de 1964, que a próxima Bienal paulista terá a «pop-art» porque esta teria sido agora vitoriosa em Veneza. E o vezo das pessoas que, ao lerem nas revistas europeias páginas sobre comemorações de centenários de Delacroix ou de outros artistas, trotram que no Brasil nada se fez no mesmo sentido, ignorantes de que meses antes já por estas plagas se falara nas efemérides aludidas, em sessões especiais e públicas de organismos competentes, certamente insuficientes, mas isso devido às condições pobres do meio, pobres em vários sentidos.

Obras de Rauschenberg, estiveram em São Paulo, em 1959, quando aliás comentamos a sua obra aparentemente afim, mas na realidade diversa, da do dadaísmo. E na revista Módulo n.º 35, — entre outros exemplos, que se poderiam aduzir — já a

pop-art era analisada entre nós, através da sua contribuição à VII Bienal bandeirante.

Vem-me à reflexão esses provincianismos para que não passe despercebido do público a atualíssima exposição de artistas de nova-figuração, que Ceres Franco trouxe ao Rio e achava aberta na Galeria Relêvo, à avenida Copacabana, 252. Obras de Gaitis, Foldés, Dmitrienko, Shiró, Vanarski, Marcos Macreanu, Parré e outros colocam o Rio em contato mais próximo com esse impulso estético, paralelo, mas bem diferentes do da «pop-art», dividindo com esta o cetro ambicionado, se bem que superficial, da «moda» vanguardista na arte contemporânea. Que o público visite a mostra, são os nossos votos... expressos a tempo. Que não se a descubra somente nas revistas de Paris ou Milão.

Na Outra Figuração, a angústia e o sarcasmo, o humor e o dramático se misturam em reflexão de um espírito totalmente oposto ao da «belle époque». Nada no Rio é hoje tão contrário ao autêntico O Patinho Torto quanto a mostra da «Relêvo». No fundo, se recusando a exumação arqueológica da felicidade dos anos iniciais do século, Ghigonetto cedia, talvez inconscientemente, ao doloroso e ao duro de seu próprio tempo.

No caso do «1900» e do «Patinho Cane» há, todavia, mais do que tudo, a diferença entre duas visões macroscópicas de segmentos diversos da vida: mais isso do que uma barreira. Mas em suas diferenças está toda uma realidade, em várias nuances. A distância entre elas e uma possibilidade realizada e um tempo vivido. De Coelho à Outra Figuração, a separação não consiste só num escape ou num masoquismo, mas em fatos de consciência e de história. É curioso que possamos vivê-los na mesma noite, entre a Avenida Rio Branco (antiga Central) e a de Copacabana (ex de Nossa Senhora).

A «outra figuração», no seu grafismo febril, irritado e às vezes quase diabólico, cheio de «humour» ou de sátira já havia chegado ao Brasil em trabalhos recentes de Ivan Serpa e de Flávio Shiró, para não falar dos argentinos Macció, Deira, Noé e de La Vega, que Giovanna Bonino expôs na hora exata, em sua galeria de Copacabana, pouco antes da inauguração da VII Bienal paulista.

Mas seria nesta Exposição que o nosso público iria compreender parte do que está por trás desse movimento. A neo-figuração não é agora — como vinha sendo até Debuffet — somente uma superação do estado crítico de divergências entre abstração e representação estado ultrapassado.

A intervenção da «pop-art» e do objetismo (ou novo realismo, isto é nova apresentação das coisas), vem dar sentido mais amplo e evidente a esse não abstracionismo, intensificando uma curiosa e estranha «demarcação» da representatividade nas artes plásticas, com introdução — nos dois movimentos — do senso do «humour», da reflexão intelectual através da imagem, com influências do cinema e teatro, numa paradoxal explosão antiformalista dos herdeiros diretos da notável experiência formal do século XX. Tudo isso sem buscar qualquer coisa de similar ao que procurou o surrealismo no sonho absurdo ou erótico e da fantasia das coisas — como na obra figurativa, quase acadêmica, de certos onírico-imagistas, epígonos de Dalí e Magritte — mas, pelo contrário, a partir das liberdades conquistadas e das lições do etacismo, do informal abstrato, do expressionismo gráfico e do surrealismo livre, que tanto se fundem e confundem nas regiões mais profundas do pictorismo de nosso século. Nela persistem, pelo momento, violências e negações angustiosas, ligadas e umilinearmente expressionista ou satírico e hesitantes no plano social.